

ALMADA



INÊS DE MEDEIROS

**“Almada é um foco de humanidade
num mundo cada vez mais desumano”**

Conheça o novo executivo da CMA

Na Charneca de Caparica há um luthier que faz a madeira cantar

CARAS E CAROS MUNICÍPES, com a primavera, vem a luz e, com a luz, chega essa necessidade quase física de sair à rua, de ocupar o espaço público, de estar com os outros. É por estes dias que regresso, a cada ano, a algo que nunca deixa de me surpreender em Almada: a forma como as pessoas se apropriam dos seus lugares; das esplanadas aos largos, dos teatros aos jardins, do passeio marítimo à conversa de bairro. É algo que não se decreta, que nenhum plano urbanístico consegue desenhar sozinho. Faz-se de décadas de vida partilhada, de tradições herdadas e reinventadas, de uma cultura do encontro que resiste teimosamente a um mundo que empurra cada um para o seu ecrã.

Falo muito de obras, de projetos, da vontade permanente de resolver os problemas da cidade, do concelho e dos almadenses. É inevitável e necessário, e podem encontrar uma conversa franca sobre tudo isso nesta edição, na qual apresentamos um executivo renovado para este novo ciclo autárquico, até 2029. Mas o que me move a escrever este editorial é outra coisa. É falar daquilo que faz de Almada um lugar e não apenas um território: as pessoas e o que criam juntas.

Almada tem, reconhecidamente, dos melhores públicos de Portugal. Não é uma frase feita. É uma realidade que se confirma sempre que o Teatro Municipal Joaquim Benite enche para a apresentação de uma temporada, que o Festival Internacional de Teatro enche os palcos de Almada e de Lisboa, que uma iniciativa numa coletividade de bairro surpreende pela adesão. A cultura nunca foi, por aqui, um luxo ou um acessório. Foi sempre parte do tecido vivo da cidade, desde as associações operárias do século passado até aos projetos de arte contemporânea que hoje dialogam com o Tejo na Casa da Cerca.

Neste novo mandato, quero aprofundar essa vocação. Descentralizar a programação cultural, para que chegue com a mesma qualidade a todas as freguesias. Continuar a diversificar o teatro, sim, mas também a dança, a música, as artes visuais e o cinema. E, sobretudo, investir no projeto pedagógico municipal, porque a cultura só se renova quando há novas gerações a descobri-la e a pô-la em causa, como deve ser.

A identidade de Almada constrói-se, também, desta mistura. A indústria e as artes, o rio e o mar, o centro histórico e os bairros novos, os “de Almada” há gerações e os novos almadenses. Uma identidade forte porque diversa, mas também frágil porque qualquer transformação demasiado rápida, demasiado surda ao que existe, pode desfazê-la. O nosso desafio - e este será sempre o maior desafio de quem governa um concelho como Almada - é conciliar o desenvolvimento com a preservação daquilo que faz de nós o que somos. Crescermos sem perdermos a alma.



INÊS DE MEDEIROS

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

Por isso, quando falo do futuro, como mais adiante nestas páginas - do PDM, do investimento, da habitação, da mobilidade -, falo sempre a pensar nas pessoas que já cá vivem e nas que pretendemos atrair e convencer a viver aqui. Numa Almada onde os jovens consigam ficar, onde os mais velhos não sejam esquecidos, onde a cultura e o desporto estejam ao alcance de todos, onde a solidariedade não seja apenas uma palavra bonita em discursos de circunstância.

Tenho um orgulho enorme nesta comunidade, que não se verga. Que encheu salas de vacinação durante a pandemia, que abriu portas aos vizinhos quando a lama entrou nas casas, que esgota teatros e pavilhões com a mesma paixão. Almada continua a ser aquilo que sempre disse que era: um foco de humanidade. E essa humanidade é o nosso maior recurso. Mais do que qualquer orçamento, mais do que qualquer programa de financiamento.

Nesta edição da vossa revista Almada, encontram histórias que dão conta dessa Almada viva, complexa e resiliente. Boa leitura e bom regresso à rua, que a primavera espera por nós.

Conservatório de Artes Performativas de Almada - Onde a música cresce

Portfólio _____ 36

VICTOR MENDES



Infografia

Orçamento municipal para 2026 em números _____ 5

Em Arquivo

60 anos da inauguração da Ponte 25 de Abril _____ 6

Entrevista

Inês de Medeiros, Presidente da Câmara Municipal de Almada _____ 8

Novo executivo

Entrevista e perfil dos vereadores _____ 14

Reportagem

Um luthier que esculpe instrumentos de cordas na Charneca de Caparica _____ 42

Radar

Carvoadas e Fondues. Onde comer em Porto Brandão _____ 46

Ciência e Investigação

Linaria almadensis, uma planta só nossa _____ 48

ALMADA

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Almada | Departamento de Comunicação

Diretora:

Inês de Medeiros

Diretora-Adjunta:

Raquel Antunes

Coordenação:

Sara Dias

Consultor Editorial:

Paulo Tavares

Editor de Fotografia:

Luís Filipe Catarino

Redação: Ana Paula Cruz, Joana Mendes, Margarida Leal, Paulo Tavares, Sandra Gomes e Tiago Queirós

Fotografia: Anabela Luís, Carlos Valadas, Florbela Salgueiro, Raquel França e Victor Mendes

Design: Pedro Fernandes

Paginação: Carlos Lima, Catarina Lopes, Elisabete Correia, Inês Carança, Rita Sarmiento e Susana Tormenta

Foto da capa: Luís Filipe Catarino (tirada na Sala de Ensaios do Teatro Joaquim Benite)

Impressão: Lidergraf - Artes Gráficas, SA

Tiragem: 115 000 exemplares

Periodicidade: Bimestral

Distribuição: Premium Green Mail

Depósito Legal: 520442/23

ISSN: 2184-9137

Publicação isenta de registo na ERC ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho, art.º 12.º, n.º 1b). Textos escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

Contactos úteis:

Geral

Tel.: 212724 000

Gabinete de Atendimento Municipal

Linha Verde Almada Informa

- 800 206 770

E-mail:

almadainforma@cm-almada.pt

Site:

cm-almada.pt

f i y t d

CMA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

Conheça o Orçamento para 2026

A Câmara Municipal de Almada aprovou o Orçamento e as Grandes Opções do Plano para 2026. Um exercício de rigor, que reforça o investimento em áreas essenciais para o concelho.

HABITAÇÃO

CONCLUSÃO DE OBRAS

QUINTA DO FACHO

6,0

M€

QUINTA DO POMBAL

1,5

M€

VALE LINHOSO

215

m€

2,0 M€

REQUALIFICAÇÃO DO PARQUE HABITACIONAL MUNICIPAL

MOBILIDADE

92,5

M€

CONCLUSÃO DOS ACESSOS ÀS PRAIAS E DA REQUALIFICAÇÃO DA RUA DO JUNCAL

INÍCIO DE OBRAS E QUALIFICAÇÃO DA AV. D. SEBASTIÃO E AV. SACADURA CABRAL

1,44 M€

REQUALIFICAÇÃO DOS ACESSOS AOS CAPUCHOS

CONTINUIDADE DE TRABALHOS



EXTENSÃO DO METRO SUL DO TEJO À COSTA DE CAPARICA E TRAFARIA



TRAVESSIA FLUVIAL TRAFARIA - ALGÉS

ECONOMIA E TURISMO

355

m€

PROJETO INVESTALMADA

+ATRAÇÃO DE INVESTIMENTO
+DINAMIZAÇÃO ECONÓMICA E TURÍSTICA

EDUCAÇÃO



Ampliação e Requalificação

ESCOLA DA TRAFARIA

1,3

M€

ESCOLA ANTÓNIO GEDEÃO

1,1

M€



Melhorias Escolares

NOUTRAS ESCOLAS DO CONCELHO

626

m€

SERVIÇOS PÚBLICOS



CENTRO DE SAÚDE DA COSTA DE CAPARICA

4,6

M€



CONCRETIZAÇÃO DA LOJA DO CIDADÃO

7,2

M€

DESENVOLVIMENTO URBANO

CENTRO DE RECOLHA ANIMAL

1,8 M€

AGROPARQUE E OBRAS DE REQUALIFICAÇÃO URBANA EM VÁRIOS PONTOS DO CONCELHO

2,1 M€

O dia em que Almada ficou mais perto

TEXTO **Paulo Tavares**

ÀS TRÊS DA TARDE DO DIA 6 DE AGOSTO DE 1966, depois da costumeira cerimónia de corte de fita, do lado de Almada, na Praça das Portagens, os primeiros automóveis atravessaram a ponte, acabada de estrear.

Ao fim do primeiro dia, 24 horas, os portageiros já tinham cobrado passagem a 82 mil veículos. Todos queriam atravessar o Tejo pela nova ponte, a grande maioria apenas em passeio sem outro destino que não estrear a nova obra.

A ponte, que nasceu "Salazar" e só em 1974 ganhou o nome de "25 de Abril", demorou 90 anos a sair do papel. Desde a primeira proposta, em 1876, até ao arranque das obras em novembro de 1962, sucederam-se projetos franceses, alemães e portugueses, sempre travados pelos custos ou pela política. Quando finalmente se fez, ficou pronta seis meses antes do prazo.

Para Almada, tudo mudou muito depressa. Em vinte anos, a população duplicou. Bairros inteiros nasceram onde havia quintas, a Costa encheu-se de veraneantes e o emprego em Lisboa deixou de obrigar à fila do barco em Cacilhas. Foram décadas de pressão sobre um território que ainda hoje procura o equilíbrio entre desenvolvimento e identidade. Sessenta anos depois, a ponte continua a ser a porta de entrada - e de saída - de quem vive na margem sul.





3

?????



5



4

1- © Arquivo Municipal de Lisboa | Convidados no tabuleiro da ponte, antes da inauguração | Barros, Helena Corrêa de. 1910-2000, fotógrafa, HCB001098

2- © Arquivo Municipal de Lisboa | Bancadas com convidados e público na colina do Cristo-Rei | Bastos, Artur Inácio. 1904-1975, fotógrafo, AIB001340, A53477, N50945

3- © Arquivo Municipal de Lisboa | Tabuleiro da ponte momentos antes da inauguração | Ferrari, Amadeu. 1909-1984, fotógrafo, FER000921

4- © Arquivo Municipal de Lisboa | Convidados no tabuleiro da ponte, antes da inauguração | Barros, Helena Corrêa de. 1910-2000, fotógrafa, HCB001089

5- © Arquivo Municipal de Lisboa | Praça das Portagens e igreja do Pragal (ao cimo do lado esquerdo) | Bastos, Artur Inácio. 1904-1975, fotógrafo, AIB001333, A53470, N50938

6- © Arquivo Municipal de Lisboa | Praça das Portagens e preparativos para a inauguração | Ferrari, Amadeu. 1909-1984, fotógrafo, FER000951



6

ENTREVISTA

INÊS DE MEDEIROS

“ALMADA É UM FOCO
DE HUMANIDADE NUM
MUNDO CADA VEZ MAIS
DESUMANO”



No início de um novo ciclo autárquico, Inês de Medeiros fala de prioridades e desafios para Almada até 2029, defende um simplex urbanístico e revela que o novo PDM vai reduzir a área urbana da Costa de Caparica.

TEXTO **Paulo Tavares** FOTOGRAFIA **Luís Filipe Catarino**

Está a iniciar um novo mandato. Que prioridades define para este novo ciclo e que marca quer deixar ao fim destes quatro anos?

Este tem que ser um mandato de concretização dos muitos projetos que lançámos. Desde a questão do PDM (Plano Diretor Municipal) a uma série de obras estruturantes sobre as quais temos estado a trabalhar. Por outro lado, no mandato anterior tivemos que fazer algumas alterações aos projetos iniciais, por causa do PRR (Plano de Recuperação e Resiliência). Há uma série de projetos que tiveram que ficar em suspenso e que agora quero retomar, como o caso do edifício da EDP. Entretanto, também já temos o C.R.O. (Centro de Recolha Oficial) e temos a Bateria da Raposa e, naturalmente, continuar a concretizar os compromissos na área da habitação. Isto tem sido desafiante, como sabemos. Há um mercado que não está a conseguir responder às necessidades do PRR. Há falta de pessoal, empreiteiros que não respondem, atrasos nas obras... Ainda agora, com as intempéries, voltámos a ter um problema, pois grande parte dos materiais de obras vêm da região de Leiria. Mas isso são aquelas dificuldades com que todos aprendem a lidar e a contornar e o importante é não baixar os braços.

Já completou dois mandatos. Que lições e que ensinamentos traz desses anteriores ciclos e que são determinantes agora para este último mandato?

Só os autarcas têm a real noção do que é preciso fazer para melhorar a forma como, coletivamente, o Estado e as autarquias funcionam. Quando ouço falar de reforma do Estado, fico sempre preocupada porque nunca vamos à fonte dos problemas. A primeira das reformas, que acho fundamental, era fazer um verdadeiro simplex urbanístico, onde se revisse de uma ponta a outra todos os instrumentos de gestão do território. E, sobretudo, fazer uma simplificação legislativa, no sentido de tornar a lei mais clara, mais transparente e mais eficaz. Temos os desafios das alterações climáticas, da energia, da reorganização das cidades, da mobilidade... E, obviamente, da requalificação da nossa frente marítima e ribeirinha. São incalculáveis os desafios que

temos pela frente. E estou a falar até a nível nacional. Com os instrumentos que temos neste momento, isto é um calvário autêntico. Não basta pedir aos municípios para reduzirem prazos de licenciamento. Eu propunha já a revogação do Simplex Urbanístico, que é um caos. Porquê? Porque faz dos municípios entidades fiscalizadoras e não entidades que licenciam previamente. Com isto, abrimos a porta, escancarada, a uma série de alterações. Temos o desafio da habitação, como é óbvio, e ao mesmo tempo teremos de garantir a conciliação de tudo isto.

Os temporais tiveram um impacto significativo no Concelho de Almada. Como avalia hoje a resposta do município e quais são as principais lições que tirou desse momento?

Felizmente, tínhamos muito, muito trabalho feito. As situações mais complicadas são, de facto, as questões das arribas e das vertentes. Foi o que nós tivemos de mais complicado e, felizmente, tínhamos um estudo já muito completo de 2023, não apenas em termos de diagnóstico, mas também em termos de identificação de medidas a fazer. Estudo esse, aliás, que estamos a atualizar agora, já em concertação com as entidades do nosso Plano Diretor Municipal e que tem sido muito importante, e vai ser muito importante para fecharmos o PDM também nessa área. Agora, é evidente - e ainda recentemente tive a satisfação de ouvir reconhecer por uma dirigente da APA [Agência Portuguesa do Ambiente] - que temos que olhar para as questões das frentes ribeirinhas ou estuarinas e das frentes marítimas de outra forma. A questão das arribas e das vertentes tem que ser um desígnio nacional, porque faz parte da nossa morfologia enquanto país. Acho que as intempéries acabaram por ter um efeito positivo, que foi o de consciencializar toda a gente de que estas matérias, das alterações climáticas e dos territórios sensíveis, são uma realidade. Não são uma invenção, são uma realidade. Porque é fácil dizê-lo, é fácil escrevê-lo num plano, mas é muito mais difícil para os autarcas, quando têm que responder à população, convencer as pessoas de que há perigo.

Onde era seguro construir, na altura, já não é seguro...

Nunca foi seguro. Na realidade, nunca foi seguro. Agora, as pessoas sabiam que estavam a construir uma casa ilegal em zonas específicas do município. Se, depois, as entidades públicas vão lá e dão condições praticamente idênticas às casas que são legais, as pessoas acreditam que afinal isto era uma sobrevalorização e, portanto, é muito difícil, de repente, explicar às pessoas que, afinal, há uma razão pela qual não se pode construir aqui. Tenho tendência a olhar sempre, mesmo na desgraça, para as lições que podemos retirar. O mesmo vale para a nossa frente marítima. Espero que, agora, as entidades da administração central se tenham apercebido de que este é mesmo um assunto a ter em conta e de que é um assunto premente, para não dizer mesmo urgente.

Vamos ter praias prontas no verão?

Vamos provavelmente ter umas praias mais curtinhas, com menos areia. A APA vai retomar a colocação de areia nas praias urbanas, agora em abril. É importante dizer que, nas outras praias - e, aliás, o relatório da APA também o assinala - o mar em princípio vai repor a areia. Se protegermos o que resta de dunas... Ou seja, se as dunas não forem todas ocupadas porque há menos areia. É fundamental que as pessoas tenham a noção de que, mesmo que a praia seja mais curta, não podem ir para cima da duna porque, caso contrário, em setembro deixamos mesmo de ter praia.

Vai ser reforçada a vigilância para não permitir que isso aconteça durante o verão?

Não só... Estamos já a trabalhar num projeto e também já falámos nisso com a APA. Vamos criar uma espécie de ReDuna simplificado, no sentido de impedir mesmo o acesso às dunas, para ver se a praia consegue reconstruir-se naturalmente.

Voltando para as zonas de arriba, que medidas estruturais estão a ser pensadas, para garantir que há reforço da resiliência destes territórios, sobretudo nas zonas mais sensíveis?

Sabemos quais são as soluções. Não há mil e uma soluções. Há a questão de retirar as pessoas das zonas de maior risco e isso tem que ser feito com as populações. Importa dizer que o que aconteceu na Azinhaga dos Formozinhos não era algo que pudéssemos prever, porque foi mais um problema de subsolo. Não é um problema de vertente, não é como as arribas da Costa.

Obviamente, a zona urbana da Costa, no novo PDM, já vai ser reduzida, porque os tempos, de facto, mudaram. A inconsciência ou a falta de conhecimento era maior e temos zona urbana muito junto à arriba. E, depois, há zonas em que já vamos avançar, como no caso de Porto Brandão, onde vamos colocar uns blocos de contenção mais altos para criar ali uma zona para a terra deslizar. No caso da Costa de Caparica, em Santo António e São João, já estamos também a trabalhar num projeto para a colocação de barreiras dinâmicas. Existe uma espécie de rede e, depois, mais abaixo, outras redes para amortecer, caso haja quedas de volumes maiores. Agora, o que estamos a dizer é que temos de fazer uma reunião com todas as entidades envolvidas, para poder executar estas medidas ao longo de todas as nossas arribas.

“A questão das arribas e das vertentes tem que ser um desígnio nacional, porque faz parte da nossa morfologia enquanto país.”



Até porque é uma área de proteção ambiental, de preservação da natureza, e não é fácil mexer ali...

Sim, mas agora a primeira das prioridades passa por proteger as populações, isso é evidente.

A propósito das populações... houve necessidade de realojar famílias, de intervir em áreas sensíveis. Como é que está a ser assegurada a resposta às populações afetadas e que soluções é que estão a ser pensadas no médio prazo?

Neste momento estamos a trabalhar com a Secretária de Estado da Habitação, no sentido dos moradores das zonas afectadas poderem concorrer ao Porta de Entrada e terem um apoio direto ao arrendamento. Há sítios onde o IHRU acabou por colocar monoblocos pré-fabricados e nós estamos a ver se tentamos evitar utilizar esse recurso.

Não é agradável...

Quero deixar claro que as pessoas identificadas na estratégia não vão ser ultrapassadas. Não vão! São dois programas à parte, são duas condições diferentes. Sei que há grande apreensão e quero deixar isso claro. As pessoas que estão previstas para realojamento e que já estavam no âmbito do Habit'Almada continuam a estar na lista onde estavam. Esta é uma questão de emergência, que é uma questão diferente e não é 'uma ou outra', ou um passar à frente de outro. Não é isso que vai acontecer. Com a declaração de calamidade já temos tudo preparado, já dei indicação para começarmos a colocar os pedidos de apoio a pessoas e empresas, aqueles que o Governo criou, na plataforma da CCDD (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional).

Tem defendido a necessidade de uma maior articulação com o Governo em matérias como a proteção costeira e também o financiamento. Que respostas da administração central estão a faltar e quais considera mais urgentes?

Os sucessivos governos têm que perceber - e isso torna-se realmente urgente - que há questões mesmo estruturais, e não falo só da saúde ou só da educação, embora também o sejam. E, claro, também do sistema político. Todos os agentes políticos trabalham perante mantas de retalhos. Acho que isso contribui imenso para o seu descrédito. Imenso. Porque, na realidade, o que nós prometemos às pessoas e queremos fazer choca demasiadas vezes com burocracia em excesso, com caos legislativo, com esta ideia de 'não há dinheiro', porque só sabemos li-

dar-se o dinheiro vier todo de uma vez. Não sabemos planejar. O Estado Central não sabe ter orçamentos devidamente planeados a cinco e dez anos, que é fundamental. Se se quer renovar o Parque Escolar, como já houve intenção, tem que haver um projeto a longo prazo. Se precisarmos de requalificar o nosso território, se precisarmos de reconstruir áreas queimadas, áreas devastadas, temos que ter projetos a médio e a longo prazo. Não ajuda que o discurso político de hoje seja tão pobre, tão miserável, tão desinteressante. O consenso não é uma entidade abstracta. Quando se diz que é preciso consenso, é preciso consenso para trabalhar, não é? Para um objetivo. É preciso estabelecer os objetivos a definir, a forma como se quer atingir e trabalhar nesse sentido. Tem que haver coerência, planificação, sentido de responsabilidade e esse trabalho não envolve apenas os políticos. Envolve toda a sociedade. Se queremos defender a democracia, temos de ter a coragem de o fazer, de dizer as coisas como elas são.

Reduzir a percentagem de promessas falhadas, é isso?

Mas a questão é que não há promessas falhadas. Essa coisa de estar sempre a culpar os políticos das promessas falhadas, quando obviamente ninguém sabe, nem quer saber nem lhe interessa porque é que as coisas não são mais rápidas. Porque uma coisa são promessas falhadas, outra coisa é aquilo que pensávamos fazer em dois anos e afinal estamos a fazer em doze.

Falava daquilo que não se consegue fazer.

Mas depois o debate político é o que é. Passa tudo por "promessas falhadas". É catastrófico e todos nós estamos a sentir. Havia uma reforma da saúde em curso com o Governo do Partido Socialista. Mal começou a ser implementada, o Governo caiu. O Fernando Araújo tinha sido nomeado há pouco mais de dois anos e a fusão em ULS [Unidades Locais de Saúde] tinha pouco tempo. Era o início de uma reforma. O que é que aconteceu? Disseram "esta reforma não serve" - embora continue tudo na mesma - e mudaram-se as pessoas. Diz-se que esta reforma é péssima, diz-se que há um novo plano, que ninguém sabe o que é, nem para o que é, nem quando é que vai entrar, nem quanto é que custa, nem para o que serve. Isto é dramático, absolutamente dramático. Outra questão, para ser menos político: um Plano Diretor Municipal supostamente tem a validade de 10 anos. Nós temos que o rever de 10 em 10 anos...

Há quanto tempo é que este PDM está para aprovar?

Nem vou dizer há quanto tempo estava a ser tratado.

Só posso falar desde que cheguei. Nós, no final do primeiro mandato, tivemos um parecer positivo condicionado. Precisámos de quase mais um mandato inteiro para chegar a uma nova versão em vias de ser consensualizada. Mas entretanto, vieram mais não sei quantas regras e indicações de Bruxelas, que o país aplica quase de forma acrítica, sem avaliação, sem ponderação. Portanto, todo o trabalho que estava a ser feito voltou para trás porque o PDM ainda não estava aprovado. Não pode ser. Temos que ser mais eficazes. Já percebemos que vivemos um momento de crises sucessivas. Veja estes oito anos. O primeiro mandato foi a crise enorme do COVID-19. Os portugueses foram brilhantes, os almadenses foram extraordinários. As instituições funcionaram como nunca tinham funcionado. O bom e velho desengano português. O que é que aprendemos com isso? O que é que alterámos? Não houve sequer uma avaliação. Que era o mínimo, depois de termos ultrapassado uma crise única. Todos os anos temos fogos cada vez maiores. Que ensinamentos tirámos disso? Que medidas exatas? Ainda estamos a discutir o cadastro florestal, as heranças indivisas. Nós sabemos que na base disto tudo existe um problema que tem a ver com a gestão do território, com as heranças indivisas e com cadastros que não estão feitos. Mas também com o problema das limpezas, com a monocultura... sabemos isso tudo. O que se fez de concreto no território? Nada. O apagão. Dissémos às pessoas que têm que ter um kit de emergência. É só isso?

Falava há pouco dos fogos do IHRU e da Câmara. São projetos que estão a decorrer há já algum tempo. Este vai ser o mandato da habitação em Almada?

Espero que sim! Mas, os anteriores mandatos também foram "da habitação", não tenhamos dúvidas. No mandato passado entregámos 315 chaves. Em alguns casos, casas reabilitadas, que estavam fechadas, noutras casas novas. Adquirimos cerca de 110 fogos. Adquirimos e construímos. Já temos mais de 90 fogos em acabamentos e temos esperança de que as nossas candidaturas ao PRR, que foram aceites mas não obtiveram financiamento possam avançar agora. São os nossos maiores projetos. Não foi por nós que não começámos pela requalificação de Santo António e pelos fogos das Terras da Costa. Apenas nos disseram: "já não há dinheiro". O ministro da Habitação garantiu agora que, a partir de junho, todas essas candidaturas que tinham sido aceites e que não tinham tido financiamento iam passar a ter. Espero que sim.

“Adquirimos e construímos. Já temos mais de 90 fogos em construção e temos esperança de que as nossas candidaturas ao PRR, que foram aceites, sejam concretizadas.”

Os projetos estão lá e foram aprovados...

Está tudo aprovado. Estão lá também os dois centros de saúde, ou seja, também será o mandato desses dois centros. Será também o mandato da requalificação integral da António Gedeão, que é praticamente uma nova escola e também de uma nova escola na Trafaria - não é a centenária, porque essa também já vamos reabrir agora aumentada e requalificada. E espero ainda podermos entrar com a requalificação da do Monte e da António da Costa.

Estamos em tempos complexos e que estão a ter impacto no mundo financeiro, prevê-se que as taxas de juros venham a subir. O financiamento vai ser um problema para a parte que cabe à Câmara desses projetos do PRR?

Bem, nós temos uma vantagem. Como somos um município que tem gerido bem as contas, temos a nossa capacidade de endividamento garantida a 100%. Neste caso, muitos dos projetos até somos nós que estamos a avançar. Não temos praticamente o risco - que outros municípios têm - de ter que devolver dinheiro caso o PRR não seja prolongado. No nosso caso será muito residual. Ainda assim, gostaríamos de ser ressarcidos do investimento que foi comprometido.

Já houve o dinheiro gasto que ainda não foi devolvido?

Sim, há obras de habitação que não estão concluídas, portanto, é normal que não tenha sido devolvido, mas ainda há candidaturas de aquisição de fogos que, como ainda não "apareceram na plataforma", não podemos pedir restituição... É como se não existissem. Temos tudo, recebemos dinheiro, recebemos adiantamento, quer dizer, não há dúvida de que nos devem mas se o IHRU não "põe na plataforma", não podemos pedir o dinheiro... Como é que explico isto a um almadense? Como é que um autarca vai explicar isso a um município? Quem é que percebe isto? Ninguém percebe...

A mobilidade e a sustentabilidade urbana são temas centrais para o futuro das cidades. Que prioridades define para Almada nestas áreas?

Prioridades, e vitórias! (risos) Estou muito contente com o projeto do estudo da expansão do Metro Sul do Tejo. Já está a ser feito, já foi contratualizado e o calendário proposto para a sua concretização, que o Governo apresentou, é até 2029. Da nossa parte faremos tudo o que for necessário para que isso possa acontecer. Também ficamos muito contentes com o anúncio dos estudos para o túnel, que vai ser uma inevitabilidade. Volto a dizer o que disse no primeiro dia da primeira entrevista: “Entre ponte ou túnel é o que for mais indicado. É túnel? Então tem de ter transporte público”. Claro que preferíamos que fosse o nosso Metro a passar para o outro lado, porque assim os almadenses não tinham de mudar, mas se for outra solução também estamos disponíveis. Depois, vamos começar a trabalhar outra vez na revisão do contrato do transporte rodoviário, que foi a grande vitória com o Navegante. As pessoas já não se lembram, mas Almada multiplicou por três a oferta de autocarros com a Carris Metropolitana e com a revisão que fizemos do plano inicial da nossa rede de transporte. As pessoas, agora, até já pedem mais e bem. A Charneca praticamente não tinha autocarros... Almada é o município que mais aumentou a utilização de autocarros.

E em termos de investimento privado?

Almada voltou a estar presente no MIPIM, este ano. Somos, neste momento, dos municípios da AML mais atrativos para todo e qualquer investidor, há um verdadeiro interesse, até no desenvolvimento económico, para não ser só habitação... Espero que seja também um mandato – apesar de estarmos muito focados na habitação – dedicado ao emprego, ao arranque do Innovation District, que está muito dependente do PDM. Todas estas questões são fundamentais.

E o Parque Cidades do Tejo? Nunca nunca mais se ouviu falar...

Não sei que diga...

É mais uma oportunidade perdida?

Dizem que a esperança é a última a morrer, portanto, vou responder assim. Não sei que diga, porque estou com as almadenses... Já disse várias vezes e a vários governos. Se é para virem anunciar outra vez um grande projeto, não vale a pena. Porque já ninguém acredita na palavra dos mil governos. Mostrem! Façam um gesto, uma de-

monstração de que qualquer coisa está a acontecer. Pela nossa parte, continuamos aqui a insistir. Temos pedido para passarem para a CMA algumas zonas, para podermos ir requalificando, trabalhando, fazendo... Sem resposta.

Que Almada gostaria de entregar no final deste mandato?

Almada é, de facto, um território extraordinário. Para isso teria de regressar ao primeiro slogan - Almada pode. Almada pode continuar a cumprir todo o seu potencial, que não se esgota em um, dois, três, quatro ou cinco mandatos. É um território muito especial, em franca evolução e desenvolvimento. Deve fazê-lo de forma ponderada, para não perder aquilo que faz o seu encanto, que é a sua diversidade, a sua cultura, a sua humanidade. Acho mesmo que a Almada ainda é um foco de humanidade num mundo cada vez mais desumano. Temos o melhor público do mundo para as propostas culturais, sejam elas quais forem. Mas também temos grandes desafios. Vamos lançar agora o projeto pedagógico municipal. Temos imensas áreas ainda a trabalhar e melhorar. Em termos de equipamentos desportivos, por exemplo, ainda espero conseguir fazer a requalificação da pista de atletismo, para termos equipamentos para grandes competições. Estamos a prever um novo campo de futebol e mais instalações desportivas. Já adquirimos o campo do Monte, que também esperamos que seja outro espaço desportivo grande e importante a vários níveis, até porque há toda uma comunidade estudantil que está ali no Monte e que está a crescer cada vez mais. Portanto, não vou dizer o que tenho para dizer a Almada daqui a quatro anos... Estou completamente focada no trabalho e quero é que o trabalho avance bem. Mas, que grande orgulho tenho em Almada, sem dúvida.





LUÍS PALMA

“NA SAÚDE, O DESAFIO MAIS URGENTE É NACIONAL”

Quais são as principais prioridades para este mandato e por quê?

O município assumiu novas competências e responsabilidades na área da saúde. Garantir aos utentes e profissionais melhor qualidade dos espaços onde os cuidados de saúde primários são prestados e alargar a prestação destes serviços no território são as grandes prioridades do mandato, porque são garantia de cumprimento do direito à saúde consagrado na Constituição da República.

Que desafios considera mais urgentes no concelho de Almada neste momento?

Na saúde, o desafio mais urgente é nacional. Passa pela melhoria da qualidade da resposta de assistência, assegurada pelo reforço, valorização e desenvolvimento do Serviço Nacional de Saúde, instrumento imprescindível à garantia constitucional de acesso à saúde dos Almadenses. Começando pelos cuidados de saúde primá-

rios, onde o município tem responsabilidades de relevo – com a construção de unidades de saúde onde ainda fazem falta e a reabertura da unidade de saúde encerrada na Trafaria –, mas também na prestação de cuidados de saúde diferenciados nas diversas valências médicas.

Indique medidas concretas que gostaria de ver implementadas nos próximos anos.

O fim da ofensiva em curso de destruição do Serviço Nacional de Saúde (SNS) e a substituição desta ofensiva por uma política de reforço dos meios, recursos e consequente capacidade de resposta do SNS, em toda a sua extensão e valências, são as grandes medidas concretas que é necessário assegurar no imediato e consolidar nos próximos anos.

Como pretende reforçar a proximidade entre o município e os cidadãos?

O reforço da proximidade aos cidadãos é condição essencial ao desenvolvimento e bem-estar de todos. Entendo que é necessário ampliar os momentos em que as populações são chamadas a pronunciar-se – em reuniões públicas, inquéritos, fóruns de participação ou outras iniciativas –, de forma tão ampla quanto possível, em todas as matérias que digam respeito à sua vida e ao longo de todo o processo de construção das decisões.

Como imagina Almada no final deste mandato, em termos de qualidade de vida, coesão social e desenvolvimento?

A minha convicção é a de que no final do atual mandato autárquico será possível imaginar um Concelho de Almada mais qualificado, mais coeso e, sobretudo, mais desenvolvido. Para isso, conta a minha determinação em cooperar de forma franca, aberta e empenhada para que, em todos os domínios da intervenção municipal, possam ser adotadas decisões e medidas que conduzam a este objetivo de melhoria geral das condições de vida dos Almadenses.

Que mensagem gostaria de deixar aos almadenses no início deste novo ciclo autárquico?

Uma mensagem de confiança num futuro melhor, num concelho melhor, numa vida melhor. Mesmo perante as grandes dificuldades que hoje nos confrontam, acredito, e gostaria que os Almadenses acreditassem também, que é possível uma vida melhor, que seremos capazes, em unidade, de construir nos próximos quatro anos esse Concelho melhor que tanto ambicionamos.

PERFIL

Nasceu na freguesia da Cova da Piedade, Almada, em 1978. Licenciado em Ensino Básico do 1º Ciclo, foi docente durante 12 anos.

Concluiu o Programa Avançado em Administração Municipal (2019) e especializou-se em Gestão e Marketing do Desporto (2021).

Foi membro da Assembleia de Freguesia de Laranjeiro. Desempenhou funções como Tesoureiro da Junta de Freguesia de Laranjeiro, assumindo os pelouros do Desporto e do Movimento Associativo. Foi Presidente da Junta de Freguesia de Laranjeiro e Feijó, membro da Assembleia Municipal de Almada, e é vereador na Câmara Municipal de Almada, assumindo a responsabilidade pela Intervenção na Saúde e Presidência do Conselho de Administração dos SMAS.



RAQUEL FRANÇA

IVAN GONÇALVES

“ALMADA É TERRA DE IDENTIDADE E DE FUTURO”

LUÍS FILIPE CATARINO

Quais são as principais prioridades para este mandato e por quê?

Nas áreas que tutelo, julgo que podemos definir três grandes prioridades. Criar mais empregos para que mais almadenses possam trabalhar no concelho, apostando na atração de investimento económico qualificado e no aproveitamento do nosso potencial turístico. Ter uma política financeira responsável, com contas certas, mas colocando o nosso orçamento ao serviço da melhoria da qualidade de vida de quem cá mora, trabalha, estuda e de quem nos visita. E, por último, melhorar a comunicação entre o município e os munícipes e tornar a relação mais fluida, para que os almadenses conheçam o que de bom se faz no concelho e para que vejam a autarquia como um parceiro, e não um entrave, no seu dia a dia.

Que desafios considera mais urgentes no concelho de Almada neste momento?

É evidente a necessidade de enfrentar a crise habitacional que leva ao aumento do preço das casas e das rendas no concelho, mas há muito mais que precisa de ser feito e que necessita da ação do Governo. É preciso operacionalizar uma solução para as construções ilegais em Penajóia, em terrenos do Estado. Da mesma forma que precisamos que o Governo garanta a regeneração da Margueira, a zona da antiga Lishave, com a construção de mais casas e espaços de comércio e serviços. Na mobilidade e nos transportes públicos, precisamos que se invista nas travessias fluviais do Tejo, que a Fertagus resolva as dificuldades diárias, que se avance para uma nova ligação Trafaria-Algés e que o prolongamento do Metro Sul do Tejo à Costa de Caparica e à Trafaria seja uma realidade.



Na saúde, é preciso melhorar a qualidade da resposta do Hospital Garcia de Orta face à pressão que existe e abrir novas unidades de proximidade. Da mesma forma, é preciso assegurar condições para a instalação definitiva da GNR na Charneca de Caparica, libertando o Castelo de Almada para uso público. Tudo temas que são da responsabilidade do Governo, em que o Município pode e será parceiro, mas onde precisamos que o Governo atue com maior solidariedade para com o concelho de Almada.

Indique medidas concretas que gostaria de ver implementadas nos próximos anos.

Para além das que já referi, é prioritário abrir a nova Loja de Cidadão, para simplificar o acesso aos serviços públicos, contribuindo igualmente para a regeneração da zona da Romeira.

Vamos também apostar na qualificação do espaço público. Na frente oceânica, por exemplo, a Costa de Caparica é um património natural de excelência do concelho. Merece ser cuidada, qualificada e desenvolvida à altura do seu potencial.

Vamos também tomar iniciativas para melhorar a fruição dos espaços de lazer no concelho, seja através da qualificação da rede de quiosques, seja através da promoção de um conjunto mais alargado de iniciativas.

Como pretende reforçar a proximidade entre o município e os cidadãos?

A proximidade começa na comunicação clara e transparente. Como o demonstrámos com a aprovação do Orçamento do Município, os almadenses têm direito a saber quais as opções tomadas que influenciam o nosso concelho e quais as suas motivações. Mas proximidade é também presença, ouvindo os almadenses para tomar as decisões corretas a cada momento.

Como imagina Almada no final deste mandato, em termos de qualidade de vida, coesão social e desenvolvimento?

Se todas as prioridades que já referi forem uma realidade, ou estiverem perto de o ser, no final do mandato, julgo que teremos uma Almada com uma face nova, com uma marca forte e uma referência em qualidade de vida.

Que mensagem gostaria de deixar aos almadenses no início deste novo ciclo autárquico?

Neste início de ciclo, deixo uma mensagem de con-

fiança e compromisso. Almada é terra de identidade e de futuro. Ao longo da minha vida tive oportunidade de servir a minha cidade em diversas funções e agora, pela primeira vez, dedico-lhe todo o meu tempo. Tudo farei para conseguir elevar o concelho de Almada e, com ambição e responsabilidade, ajudar a realizar todo o seu potencial.

LUÍS FILIPE CATARINO



PERFIL

Ivan Gonçalves é Engenheiro Biológico, com Licenciatura e Mestrado pelo Instituto Superior Técnico e pós-graduação em Gestão Empresarial pelo ISEG. Foi Presidente da Assembleia Municipal de Almada, Secretário-geral da Juventude Socialista e Deputado à Assembleia da República durante oito anos, onde desempenhou funções como Vice-Presidente da bancada parlamentar do PS, integrando ainda a Comissão Permanente da AR. É Presidente da Mesa da Assembleia Geral do Instituto Português para a Promoção da América Latina e Caraíbas (IPDAL) e da Associação Portuguesa de Estudos Europeus (APEE).

Foi consultor do Banco Mundial e trabalhou em empresas do setor energético, da educação, da ciência e da inovação. Foi também Presidente da Associação dos Estudantes do IST e Presidente da Mesa da Assembleia Geral do Almada AC.



ANTÓNIO MATOS

“É FUNDAMENTAL EXPANDIR A REDE DE CRECHES EM TODAS AS FREGUESIAS”

Quais são as principais prioridades para este mandato e por quê?

As prioridades passam por reforçar políticas públicas que promovam justiça social, proximidade e melhores condições de vida para todos os almadenses. A diversidade cultural da população, a importância da infância e o peso crescente da população idosa exigem respostas públicas diferenciadas, com especial atenção aos setores mais vulneráveis.

Destaco três áreas centrais: a implementação da Estratégia Local para a Infância, com políticas integradas de proteção e desenvolvimento infantil; o envelhecimento ativo e saudável, em articulação com as instituições do concelho; e o reforço da capacidade de resposta em situações de emergência social. Continuaremos também a consolidar a Rede Social de Almada e a assumir, de forma qualificada, as novas competências de ação social transferidas para os municípios.

Que desafios considera mais urgentes no concelho de Almada neste momento?

As necessidades das famílias ao longo de todo o ciclo de vida continuam a ser o principal desafio. É fundamental expandir a rede de creches em todas as freguesias, ampliar respostas para a população sénior e desenvolver respostas para jovens em situação de segunda oportunidade. O combate à pobreza e à exclusão social mantém-se central, bem como a qualificação das respostas para pessoas em situação de sem-abrigo, famílias em fragilidade económica e idosos em risco de isolamento. Continuaremos igualmente a promover inclusão para pessoas com deficiência, migrantes e comunidades ciganas, garantindo igualdade de oportunidades e atenção às questões da igualdade de género.

Indique medidas concretas que gostaria de ver implementadas nos próximos anos.

Entre as medidas a implementar destacam-se o reforço da resposta municipal em emergência social, o fortalecimento do CRIA e dos CLAIM, o apoio a novos equipamentos sociais (ERPI, CACI, CAVI) em parceria com as IPSS e o lançamento de um programa local para a expansão da rede de creches. Serão também desenvolvidos um programa de apoio a cuidadores informais e um Plano Local para as Demências.

Como pretende reforçar a proximidade entre o município e os cidadãos?

A proximidade constrói-se com presença no território, diálogo permanente e trabalho em rede entre município, instituições sociais, técnicos e voluntários. A Câmara manterá canais abertos de contacto com instituições e cidadãos.

Como imagina Almada no final deste mandato, em termos de qualidade de vida, coesão social e desenvolvimento?

Imagino uma Almada mais solidária, inclusiva e coesa, com respostas sociais mais fortes e com maior realização dos direitos humanos ao longo de todas as etapas da vida.

Que mensagem gostaria de deixar aos almadenses no início deste novo ciclo autárquico?

Este mandato assenta em proximidade, diálogo e colaboração. Contamos com todos para construir uma Almada mais justa. Faça ouvir a sua voz e participe: a exigência dos cidadãos é sempre uma ajuda para melhorar a ação pública.

PERFIL

Formação em Engenharia Eletromecânica. ISEL, Instituto Superior de Engenharia de Lisboa.

Professor, em escolas do Seixal e de Almada – Secundárias do Seixal, Ruy Luís Gomes e Emídio Navarro. Vereador da Educação, cultura, desporto, ação social, juventude, turismo e comunicação, em vários mandatos, nas Câmaras Municipais de Almada e Seixal.

Participação em trabalho intermunicipal regional – coordenação de grupos de trabalho na área da cultura, educação e desporto, nacional, nas áreas da educação - cidades educadoras - e da cultura - Presidência da Artemrede, Teatros Associados.



LUÍS FILIPE CATARINO

FILIPPE PACHECO

“O PROGRAMA ELEITORAL É UM CONTRATO ‘ASSINADO’ COM TODOS OS ALMADENSES”

Quais são as principais prioridades para este mandato e por quê?

A principal preocupação é dar cumprimento ao programa eleitoral com que nos candidatámos, que é como um contrato “assinado” com todos os almadenses. Destaco três prioridades: na Educação garantir a reabilitação e ampliação do nosso parque escolar; na Habitação continuar a aumentar a oferta a custos controlados para toda a classe média e, no Desporto, investir em infraestruturas desportivas acessíveis, apoiar clubes locais e promover atividade física para todas as idades.

Que desafios considera mais urgentes no concelho de Almada neste momento?

O desafio mais urgente é o de aumentar a qualificação do espaço público no concelho. A par desse desafio, considero que é indispensá-

LUÍS FILIPE CATARINO



vel a requalificação das infraestruturas escolares, assegurando simultaneamente capacidade para acolher o número crescente de alunos no nosso território, dar resposta à crise habitacional – em que os municípios têm um papel limitado, mas indispensável – e garantir que o desporto assume uma maior centralidade na nossa vida quotidiana, pela sua importância na saúde, inclusão e qualidade de vida.

Indique medidas concretas que gostaria de ver implementadas nos próximos anos.

Estamos a trabalhar para garantir a reabilitação integral e ampliação de algumas escolas, como é o caso da Escola Básica e Secundária António Gedeão e Escola Básica da Trafaria, a construção de uma nova Casa Municipal da Juventude com Sala de Estudo 24h, a continuação do plano de requalificação e cobertura de polidesportivos de proximidade, a reabilitação de perto de duas centenas de habitações municipais ou a construção do novo Centro de Bem-Estar Animal.

Como pretende reforçar a proximidade entre o município e os cidadãos?

Temos mantido uma política de proximidade contínua com os almadenses, com enfoque, por exemplo, na promoção da participação dos mais jovens. Este mandato vamos dar continuidade e reforçar programas como a Assembleia de Delegados, a Assembleia Municipal Jovem e o Orçamento Participativo Jovem. Numa ótica de existirem serviços públicos de qualidade, acessíveis e próximos de todos, a nova Loja de Cidadão também vai ser um investimento estruturante.

Como imagina Almada no final deste mandato, em termos de qualidade de vida, coesão social e desenvolvimento?

Imagino um concelho mais limpo e com melhor espaço público, com mais espaços de fruição coletiva e prática de desporto de forma acessível, em que qualquer estudante tem condições para prosseguir os seus estudos e qualquer almadense pode aceder a uma habitação condigna e a custos acessíveis.

Que mensagem gostaria de deixar aos almadenses no início deste novo ciclo autárquico?

Uma dupla mensagem. De agradecimento pela confiança em nós depositada e de compromisso em trabalhar muito e em estar no terreno a ouvir as pessoas e a responder aos seus problemas.

Contamos com todos – cidadãos, associações e instituições – para, juntos, construirmos um concelho mais desenvolvido e com melhor qualidade de vida.

PERFIL

Filipe Pacheco tem 36 anos e viveu sempre em Almada. É pai de dois filhos e tutor de uma cadela chamada Stout.

Licenciou-se em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores no Instituto Superior Técnico, onde presidiu à Associação de Estudantes. Exerceu as funções de Deputado à Assembleia da República na XIV Legislatura e, em 2021, foi eleito vereador na Câmara Municipal de Almada. Atualmente, exerce as funções de Vice-Presidente, acompanhando os Pelouros da Educação, Desporto e Juventude, Habitação, Bem-Estar Animal, Benefícios Públicos e Manutenção.



LUÍS FILIPE CATARINO



LUÍS FILIPE CATARINO

FRANCISCA PARREIRA

“PESSOAS FELIZES CONSTROEM COMUNIDADES FELIZES”

Quais são as principais prioridades para este mandato e por quê?

As prioridades assentam em três eixos estruturantes: resiliência e segurança do território, modernização e proximidade dos serviços municipais e valorização da organização interna do município. Em primeiro lugar, a consolidação de um sistema municipal de proteção civil robusto, capaz de responder aos riscos crescentes associados às alterações climáticas, à vulnerabilidade sísmica, aos riscos tecnológicos e à ciberameaça. A implementação do novo Centro Municipal de Proteção Civil na Bateria da Raposa, a operacionalização do CCOM e do Posto de Comando Municipal, bem como a criação do Observatório Municipal de Risco Climático e Segurança são pilares estratégicos. Em segundo lugar, a modernização da relação com o munícipe. A conclusão da Loja de Cidadão da Romeira, a consolidação da visão 360º do cidadão, a interoperabilidade entre plataformas e a desmaterialização de processos, tornando o Município mais eficiente, mais acessível e mais transparente.

Que desafios considera mais urgentes no concelho de Almada neste momento?

Há quatro desafios particularmente urgentes: A adaptação às alterações climáticas e à intensificação de fenómenos extremos. O nosso território está a sofrer as consequências de eventos meteorológicos adversos, mas é de extrema importância estarmos igualmente preparados para o risco de incêndio rural, cheias e potencial risco de tsunamis. A segurança urbana e a perceção de segurança, que passam pela implementação efetiva da Polícia Municipal, pelo reforço da articulação com as forças de segurança e pela eventual introdução de videovigilância onde se justifique. A modernização administrativa e redução dos tempos de resposta, combatendo a fragmentação de sistemas e promovendo interoperabilidade e uniformização de procedimentos em conjunto com a transição digital. A valorização e dinamização do Comércio Local, através de uma estratégia de comunicação, reabilitação e promoção dos Mercados Municipais, que passa pela criação da marca “Mercados de Almada”.

Indique medidas concretas que gostaria de ver implementadas nos próximos anos.

Destaco um conjunto de medidas concretas e calendarizáveis, como a implementação do Centro Municipal de Proteção Civil na Bateria da Raposa; a entrada em funcionamento da Polícia Municipal de Almada; a elaboração do estudo técnico-científico sobre o risco de tsunami; a criação da Estrutura Municipal de Ciber-Resiliência; a conclusão do Estudo sobre implementação de videovigilância; a conclusão da Loja de Cidadão da Romeira e o reforço da rede de Espaços Cidadão; a desmaterialização integral dos serviços mais procurados pelos munícipes; a implementação do Plano Anual de Compras e a reabilitação dos Mercados Municipais.

Como pretende reforçar a proximidade entre o município e os cidadãos?

A proximidade constrói-se em três dimensões: presença, acessibilidade e participação. Em termos de presença, com o reforço dos Espaços Cidadão, da concentração de serviços na Loja de Cidadão e da reabilitação de edifícios municipais. Em termos de acessibilidade, com plataformas digitais mais simples, linguagem administrativa clara, redução de etapas processuais e atendimento mediado para quem necessita de apoio. Em termos de participação, através da divulgação ativa de informação em matéria de proteção civil, da dinamização do voluntariado, do envolvimento das freguesias nas unidades locais de proteção civil e da gestão participada da Plataforma Local de Redução de Risco de Catástrofe.

Como imagina Almada no final deste mandato, em termos de qualidade de vida, coesão social e desenvolvimento?

Estamos a preparar o futuro para que o nosso Município atinja um patamar de excelência, para que seja bom trabalhar, viver e disfrutar de Almada para os que aqui constroem os seus projetos de vida e para quem nos visita. O nosso melhor barómetro são as pessoas. Pessoas felizes constroem comunidades felizes.

Que mensagem gostaria de deixar aos almadenses no início deste novo ciclo autárquico?

Preservem a vossa Comunidade. Cada um de nós é motor de solidariedade, coesão e desenvolvimento. Os poderes públicos têm que cumprir a sua missão. Além de exigirmos o cumprimento deste dever, devemos questionarmo-nos sobre o que fizemos em conjunto pelo nosso território.

PERFIL

Natural de Portalegre, tem 62 anos de idade e é mãe de dois jovens. Vive no concelho de Almada desde 1985, quando, aos 19 anos, veio estudar para a Faculdade de Direito de Lisboa. Ainda em Portalegre participa ativamente no Movimento Associativo e leciona, como professora provisória, na Escola Secundária de S. Lourenço. Concluída a licenciatura, em 1991, inicia a prática como advogada com escritório próprio na Trafaria. Em 2000 passa a integrar os quadros da “Cares – Companhia de Seguros, S.A.” – Empresa do Grupo Caixa Geral de Depósitos. Em 2001 é eleita para a Assembleia de Freguesia da Trafaria, como independente nas listas do PS, e de 2005 a 2013 assume funções como Presidente de Junta de Freguesia da Trafaria. Entre 2013 e 2017 foi deputada à Assembleia da República, eleita pelo círculo de Setúbal, e exerceu o mandato como vereadora não executiva na CMA. Faz parte do executivo camarário, como vereadora com pelouros, desde 2017.



LUÍS FILIPE CATARINO

HELENA AZINHEIRA

“CUIDAR DE ALMADA É UMA TAREFA COLETIVA”

Quais são as principais prioridades para este mandato e por quê?

As principais prioridades passam por reforçar a capacidade operacional do Departamento de Higiene Urbana e da Divisão de Manutenção e Frota, garantindo serviços mais eficazes para o concelho. Para isso será essencial reforçar os recursos humanos e materiais, com a entrada de novos assistentes operacionais e a aquisição de novas viaturas de recolha de resíduos, incluindo biorresíduos. Pretendemos também avançar com a internalização da limpeza urbana em uma parte significativa do concelho. Paralelamente, iniciaremos um processo gradual

RAQUEL FRANÇA



de renovação da frota municipal, acompanhado da melhoria das condições de trabalho e da eficiência do serviço de manutenção.

Que desafios considera mais urgentes no concelho de Almada neste momento?

A habitação será um dos maiores desafios, apesar de depender sobretudo do Estado central; a falta de habitação acessível tem impactos diretos na vida das pessoas e nos municípios. Nas áreas sob a minha responsabilidade, os principais desafios passam por melhorar o estado geral de limpeza do concelho, reduzir os resíduos indiferenciados e aumentar a reciclagem. Será também prioritário alargar a recolha de biorresíduos, modernizar a frota municipal e reforçar a sensibilização ambiental junto da população.

Indique medidas concretas que gostaria de ver implementadas nos próximos anos.

Destaco três medidas prioritárias: o regresso da AMAR-SUL à esfera pública, o alargamento da recolha de biorresíduos a todo o concelho e a melhoria das condições de trabalho dos profissionais da higiene urbana. É fundamental valorizar quem diariamente assegura estes serviços essenciais, quer ao nível das condições de trabalho, quer ao nível da valorização profissional e salarial.

Como pretende reforçar a proximidade entre o município e os cidadãos?

A proximidade constrói-se com participação. Pretendemos promover sessões de sensibilização ambiental, incentivar o voluntariado e reforçar iniciativas como o "Limpar Almada", alargando-as a diferentes zonas do concelho. Queremos também humanizar os serviços municipais e valorizar os trabalhadores que cuidam, diariamente, do espaço público.

Como imagina Almada no final deste mandato, em termos de qualidade de vida, coesão social e desenvolvimento?

Imagino Almada como um concelho mais limpo, mais sustentável e com serviços públicos mais fortes. Ambiciono melhores níveis de limpeza urbana, maior capacidade de reciclagem e sistemas de recolha de resíduos mais eficientes. Mas imagino também um município onde os serviços públicos são mais valorizados e onde os trabalhadores tenham melhores condições para desempenhar o seu trabalho, contribuindo para uma cidade com maior qualidade de vida.

Que mensagem gostaria de deixar aos almadenses no início deste novo ciclo autárquico?

Quero deixar uma mensagem de compromisso e responsabilidade. Cuidar de Almada é uma tarefa coletiva, que envolve o município, os trabalhadores municipais e todos os cidadãos. Só com o contributo de todos conseguiremos construir um concelho mais limpo, mais sustentável e com melhor qualidade de vida. Podem contar com o meu empenho para trabalhar diariamente por uma Almada mais cuidada, mais justa e ambientalmente responsável.

PERFIL

Helena Azinheira, 58 anos, é bioquímica e investigadora no Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa. Com percurso ligado ao associativismo, foi presidente da Academia Almadense entre 2020 e 2025 e integra o Movimento Democrático de Mulheres desde 2022.

É vereadora na Câmara Municipal de Almada desde outubro de 2021, tendo atualmente os pelouros da Higiene Urbana e da Frota Municipal.



RAQUEL FRANÇA

Acontece

RAQUEL FRANÇA

ma mulher que s
vive conscienter

Além do Amor



PROTEÇÃO CIVIL

Tempestades em Almada

Perante o impacto do chamado “comboio de tempestades” que atingiu o país e provocou diversos constrangimentos no concelho, a Câmara Municipal de Almada (CMA) mobilizou, desde o primeiro momento, os serviços municipais e os meios do Serviço Municipal de Proteção Civil, garantindo uma resposta rápida e eficaz a todas as ocorrências.

Ao longo dos vários episódios de chuva intensa e vento forte, as equipas estiveram no terreno de forma permanente, assegurando intervenções em diferentes pontos do

concelho. Entre as principais ações, destacam-se a remoção de árvores e ramos caídos, a limpeza e desobstrução de vias, a intervenção em sistemas de drenagem, a recolha de animais e pessoas de habitações em risco e a reposição das condições de segurança em espaços públicos afetados pelo mau tempo. As operações abrangeram várias áreas do concelho, como Porto Brandão, a zona de Santo António, na Costa de Caparica, e a Azinhaga dos Formozinhos, onde se verificaram situações críticas de instabilidade de solos e de derrocadas.

ACONTECE



CARLOS VALADAS

A CMA contou com o apoio da Universidade Nova de Lisboa, através da Faculdade de Ciências e Tecnologia, na monitorização das arribas e na recolha de informação técnica fundamental para a avaliação de risco e para a definição de medidas de proteção no curto e no médio prazo. Paralelamente, foram promovidas reuniões de balanço com moradores e comerciantes das zonas mais afetadas, para apresentar os trabalhos desenvolvidos, esclarecer os apoios em curso e discutir soluções para as famílias desalojadas.

Dada a gravidade dos danos e a persistência do risco em várias habitações, o Município formalizou junto do Governo o pedido de reconhecimento do estado de calamidade no concelho. Esta medida é considerada essencial para agilizar o acesso a fundos de emergência e a mecanismos extraordinários de reconstrução de infraestruturas e de apoio às populações que sofreram perdas severas. | **Raquel Antunes**

ANABELA LUIS







LUÍS FILIPE CATARINO



FLORBELA SALGUEIRO





URBANISMO

Processos de urbanismo entram na era digital

Almada tem uma nova plataforma digital para os processos de urbanismo. Entrou em funcionamento a 9 de fevereiro, com o objetivo de simplificar, agilizar e modernizar a relação entre munícipes, técnicos projetistas e serviços municipais.

Deixou de ser necessário ir até aos serviços municipais para entregar projetos em papel, CD ou pen USB, uma vez que todos os pedidos passaram a ser submetidos e tramitados de forma totalmente digital.

Com esta plataforma tornou-se ainda possível acompanhar processos já entregues, preparar submissões de forma faseada, gravar pedidos em curso e retomá-los posteriormente.

Almada reforça o seu compromisso com a inovação, a eficiência administrativa e a prestação de um serviço público mais próximo, transparente e sustentável.

| Margarida Leal

MOBILIDADE

Continuam as intervenções nos acessos às praias da Costa de Caparica



VICTOR MENDES

Os acessos à Praia do Rei e à Praia da Bela Vista continuam com as obras de requalificação. Devido à conclusão da 1.ª fase da empreitada de melhoramento dos acessos às praias, a circulação automóvel na principal via de acesso à zona costeira vai ter restrições até meados de abril. Esta intervenção é fundamental para garantir a conclusão dos trabalhos de pavimentação, assegurando maior segurança e conforto a todos os que visitam a nossa costa.

Para minimizar o impacto no dia a dia de residentes e concessionários, o plano de trânsito funciona da seguinte forma:

Dias úteis: A circulação está vedada na via principal. No entanto, é permitida a passagem de veículos pela via de emergência, devendo os condutores respeitar rigorosamente o plano de sinalização temporário no local.

Fins de semana: A circulação será totalmente garantida, permitindo o usufruto normal das praias nos dias de maior afluência.

Esta obra representa um passo decisivo na valorização do território e na melhoria das acessibilidades de uma das zonas mais emblemáticas do concelho.

A 2ª fase da obra, a requalificação dos parques de estacionamento, está prevista para depois da época balnear.

| Raquel Antunes

MOBILIDADE

Inês de Medeiros reúne com ARTE

As obras de reabilitação do edifício da Loja de Cidadão, financiadas pelo PRR, são uma escolha estratégica da autarquia, com o objetivo de melhorar o dia a dia da comunidade.

Mais do que a concentração de serviços públicos num único espaço, a futura loja é um pilar fundamental na estratégia de requalificação urbana da zona da Romeira, na Cova da Piedade. Numa reunião recente com a equipa da Agência Para a Reforma do Estado (ARTE), a CMA reafirmou a importância desta obra. "Construir cidade também é recuperar, valorizar e criar futuro", afirmou Inês de Medeiros. **| Raquel Antunes**



ECONOMIA

Município e Arsenal do Alfeite alinham estratégias de desenvolvimento

O Arsenal do Alfeite reafirma-se como uma peça central na estratégia de desenvolvimento de Almada e do país, com décadas de história dedicadas à investigação e inovação na construção, reparação e manutenção naval

O vereador Ivan Gonçalves visitou as instalações da empresa, sublinhou o seu papel crucial na criação de emprego qualificado e no impulso tecnológico da região, tendo ficado a conhecer de perto os projetos de I&D que ali ganham forma. Mais do que um estaleiro, o Arsenal projeta o concelho como um polo de excelência industrial e tecnológica.

Ao alinhar estratégias com as empresas estruturantes do concelho, a Câmara Municipal de Almada procura identificar novas oportunidades de colaboração que beneficiem o tecido empresarial local e a economia nacional. | **Raquel Antunes**



ANABELA LUIS

HIGIENE URBANA

CMA reforça recolha seletiva no concelho

A Vereadora Helena Azinheira reuniu com a Comissão Executiva da AMARSUL para reforçar a recolha seletiva em Almada. O encontro estabeleceu novas linhas de trabalho, incluindo reuniões mensais entre técnicos de ambas as entidades, com o objetivo de otimizar a resposta no terreno.

Perante níveis de contaminação nos ecopontos entre os 30% e 40% e o forte agravamento dos custos de deposição em aterro – que subiram de 41€/ton em 2020 para os atuais 117€/ton –, a separação correta é urgente. Com o encerramento do aterro previsto para 2028, a Câmara Municipal de Almada apela ao compromisso de todos os munícipes: reciclar corretamente é proteger o ambiente e o concelho. | **Raquel Antunes**



CARLOS VALADAS

SERVIÇOS

SMAS de Almada recebem novos trabalhadores

Os Serviços Municipalizados de Água e Saneamento (SMAS) de Almada receberam, desde 1 de janeiro de 2026, 16 novos trabalhadores que passaram a integrar diferentes áreas operacionais. A receção foi assinalada numa sessão com o vereador Luís Palma.

Este reforço de recursos humanos permite aumentar a capacidade de intervenção no terreno, nomeadamente nas operações de manutenção, reparação e acompanhamento das infraestruturas.

A medida traduz-se, assim, numa melhoria direta do serviço prestado aos munícipes e numa maior eficiência operacional dos SMAS, reforçando a capacidade de resposta às necessidades do concelho e contribuindo para garantir um serviço de água e saneamento cada vez mais eficaz e próximo da população.

| **Tiago Queirós**



ANA MALTA



VOLUNTARIADO

Câmara Municipal de Almada recebe Galardão Autarquia Voluntária

A CMA foi distinguida pela CASES – Cooperativa António Sérgio para a Economia Social com o Galardão Autarquia Voluntária, em reconhecimento do trabalho desenvolvido na promoção e valorização do voluntariado no concelho.

O galardão, atribuído a 24 de fevereiro, resulta da implementação do Banco Local de Voluntariado de Almada (BLVA), uma iniciativa municipal que assegura a mediação entre cidadãos interessados em fazer voluntariado e entidades com projetos socialmente relevantes.

Ao longo do último ano, a CMA tem desenvolvido ações de proximidade junto da comunidade, marcando presença em eventos sociais, culturais e de empregabilidade e divulgando o BLVA em diferentes suportes de comunicação. A formação

de voluntários e de entidades tem sido outro dos pilares da estratégia, garantindo a qualidade e a sustentabilidade das ações desenvolvidas.

A cerimónia de entrega dos galardões aconteceu no Teatro Thalia, em Lisboa, e contou com a presença de António Matos, vereador com o pelouro da Intervenção e Ação Social, que recebeu este galardão em nome da autarquia.

Criado pela CASES – Cooperativa António Sérgio para a Economia Social, o Galardão Autarquia Voluntária tem como objetivo reconhecer e valorizar o papel das autarquias locais na dinamização do voluntariado junto das comunidades.

| Joana Mendes

DESPORTO

A Festa do Surf na Costa de Caparica

A Costa de Caparica recebeu alguns dos melhores surfistas nacionais. Vieram competir no Caparica Surf Fest 2026, entre os dias 3 e 12 de abril, na Praia do Paraíso.

A edição deste ano ficou marcada pelo regresso do Campeonato Nacional de Clubes, mais de 25 anos após a sua última edição. Um momento histórico para o surf português, que volta a destacar o papel fundamental dos clubes enquanto base do desenvolvimento da modalidade em Portugal.

Este é um dos festivais de surf mais antigos da Europa e continua a celebrar os desportos de ondas, a promover a ligação entre atletas, clubes, comunidade local e visitantes, num ambiente que valoriza a cultura do mar e a identidade da Costa de Caparica.

A organização foi da ASCC – Associação de Surf da Costa de Caparica, clube com 32 anos de história, em coordenação com a Federação Portuguesa de Surf.

O concelho voltou a afirmar-se como um dos espaços mais emblemáticos do surf em Portugal e um dos principais campos de treino de surf da Europa. | **Margarida Leal**

CARLOS VALADAS



LUÍS FILIPE CATARINO

**DESPORTO****Meia Maratona de Lisboa volta a partir de Almada**

Mais de 30 mil atletas participaram, no dia 8 de março, na 35.ª EDP Meia Maratona de Lisboa, organizada pelo Maratona Clube de Portugal, numa edição que integrou também a Vodafone 10K e voltou a ligar a Ponte 25 de Abril ao Mosteiro dos Jerónimos.

A prova ficou marcada pelo recorde mundial do ugandês Jacob Kiplimo, que completou os pouco mais de 21 km em 57:20 minutos. No setor feminino, a etíope Tsigie Gebreselama voltou a triunfar, com 1:04:48.

Entre os portugueses, o mais rápido foi Samuel Barata, 12.º da geral com o tempo de 1:00:36, enquanto Mariana Machado foi a melhor entre as concorrentes femininas, com 1:10:10.

A prova Vodafone 10K também reuniu milhares de participantes, que aproveitaram a oportunidade para atravessar a ponte num ambiente de convívio, com o tiro de partida dado pelo vice-presidente da Câmara Municipal de Almada, Filipe Pacheco.

Após a partida, a equipa municipal de Higiene Urbana assegurou a limpeza da zona entre a Alameda das Portagens e o tabuleiro da Ponte 25 de Abril, permitindo a rápida reabertura do trânsito automóvel, numa operação acompanhada pela vereadora Helena Azinheira. | **Tiago Queirós**

RAQUEL FRANÇA

**CULTURA****Concerto Dia Internacional das Mulheres – Cláudia Pascoal**

No âmbito do programa de celebração do Dia Internacional das Mulheres, o Teatro Municipal Joaquim Benite recebeu, no dia 8 de março, um concerto de Cláudia Pascoal. A artista levou ao palco o seu repertório, onde a cultura pop se cruza com as raízes populares, conquistando o público que esgotou a lotação da emblemática sala almadense. Integrado na programação especial dedicada a esta data, o espetáculo reforçou a importância da cultura como espaço de expressão, igualdade e celebração das mulheres. | **Tiago Queirós**

Onde a música cresce

FOTOGRAFIA **Victor Mendes** TEXTO **Paulo Tavares**



No Laranjeiro, não muito longe da azáfama do centro de Almada, há um edifício onde o silêncio dura apenas o tempo de uma respiração. Depois, vêm as escalas e o solfejo, os ensaios de naipe, a primeira nota hesitante num piano, uma voz que se solta num exercício de canto ou um grupo de miúdos que repete uma cena de teatro até ao gesto certo.

O CAPA - CONSERVATÓRIO DE ARTES PERFORMATIVAS DE ALMADA - nasceu em 2017 e é hoje uma das peças centrais do ensino artístico no concelho: escola oficial de música, com cursos financiados pelo Ministério da Educação, da iniciação ao secundário, mas também espaço de formação em teatro e casa da Orquestra d'Almada, que desde 2019 já levou os seus jovens músicos ao palco do Joaquim Benite e ao Mosteiro dos Jerónimos.

Nestas páginas, entramos no CAPA pela porta do dia a dia. Visitamos as salas de aula, espreitamos os ensaios da orquestra, a concentração de quem decora uma partitura e a alegria de quem descobre o palco pela primeira vez. São rostos de crianças e jovens para quem a arte já faz parte da rotina.



Ensaio de teatro



Ensaio de naipe - instrumentos de sopro



Ensaio de naipe - instrumentos de sopro



Ensaio Orquestra D'Almada



Ensaio de teatro



Ensaio de naipe - instrumentos de sopro



Ensaio Orquestra D'Almada



Aula de Piano



Alunos arrumam sala depois de ensaio



Ensaio de teatro

“É um trabalho de
detalhe, de escuta
e de paciência,
de aprendizagem
constante.”



DA CHARNECA DE CAPARICA PARA O MUNDO

TEXTO Ana Paula Cruz
FOTOGRAFIA Raquel França

Em Almada, na Charneca, há um lugar onde a madeira é moldada, trabalhada e “aprende a cantar”. É ali que Nuno Chagas passa os dias, numa oficina onde cada gesto conta e o tempo tem outro ritmo.





Nuno é luthier, palavra de origem francesa que designa o construtor de instrumentos de cordas. No seu caso, cordas friccionadas - violino, viola d'arco e violoncelo. "Podemos dizer construtor de instrumentos, que é muito português", sorri. Mas o que faz vai muito além da construção. "É um trabalho de detalhe, de escuta e de paciência, de aprendizagem constante." Uma espécie de diálogo silencioso com a matéria.

Começou pela música. Cresceu em Elvas, entre a guitarra e, mais tarde, o violino. Veio estudar para Lisboa, concluiu o conservatório, tornou-se professor de Educação Musical. Mas a curiosidade falou mais alto. "Fascinava-me olhar para o violino por dentro, pelas aberturas em forma de F. Queria perceber como tudo aquilo funcionava." A memória do avô, que trabalhava a madeira, ajudou. O resto foi insistência.

Em Portugal não encontrou escola. Aprendeu de mestre para discípulo e depois procurou formação nas Astúrias, em Espanha. "É uma arte que não nos permite dizer que sabemos tudo. Estamos sempre a aprender." Durante dois anos dividiu-se entre o ensino e

temporadas em Oviedo, até que o ofício falou mais alto.

Hoje dedica-se a tempo inteiro à luthieria. Construiu cerca de três dezenas de instrumentos desde que começou, há cerca de 15 anos, e já reparou centenas. Cada violino leva, em média, um mês e meio de trabalho, sem contar com as interrupções para reparações. "Só tenho duas mãos", diz com naturalidade.

"A construção não tem nada de maquinaria, com exceção de um corte inicial. A partir daí, todo o processo é manual, como se fazia desde Amati, Stradivari ou Guarneri." A forma nasce a partir de ferramentas como a goiva, a plaina ou o formão. Os moldes que utiliza inspiram-se em modelos históricos, como o célebre Ysaÿe, construído por Guarneri e associado ao violinista Eugène Ysaÿe.

As madeiras vêm de longe. "O ácer vem da Bósnia

"É uma arte que não nos permite dizer que sabemos tudo. Estamos sempre a aprender."

e o abeto do norte de Itália”, explica, sublinhando que são regiões ligadas à construção de instrumentos. “Não é cortar a árvore e começar a trabalhar. A madeira tem de secar anos.” Na sua oficina, espera pelo menos cinco antes de a transformar. Cada curvatura, a espessura dos tampos, tudo influencia a qualidade do som. “Não é só ter bons materiais. É saber o que fazer com eles.”

A cola também segue a tradição: orgânica, reversível, semelhante à que já era usada no Antigo Egito. “Se um dia for preciso abrir o instrumento para reparar, ele tem de poder ser aberto sem se destruir.” O mesmo cuidado se estende às crinas do arco ou às cordas, que podem custar centenas de euros, e aos vernizes naturais aplicados à mão.

Antes de fechar cada instrumento, Nuno assina por dentro. Às vezes, acrescenta a data e noutras escreve uma dedicatória. “É como um filho que sai de casa.” Pai de seis filhos, alguns deles músicos, diz que a música ensina a respeitar o espaço do outro. “Numa orquestra não posso ir mais rápido do que os restantes. Temos de contar com o outro.”

Para o luthier, o violino é especial. “É um instrumento comparável à voz humana. Quando é dominado, é de uma beleza extrema, a ponto de imitar a voz humana. Conseguimos expressar aquilo que nos vai na alma.” Talvez por isso, o violino seja considerado um dos instrumentos mais exigentes e belos.

Nuno diz que é “mais mãos do que palavras”. Prefere mostrar a explicar, mas aceita convites esporádicos para falar em escolas, dar *workshops* e partilhar o que sabe, uma vez que esta arte é rara. “Em Portugal não existe uma escola dedicada à construção de cordas friccionadas. O ofício sobrevive graças a mestres que ensinam aprendizes.”

Na Charneca de Caparica, entre blocos de madeira que escondem futuros violinos, violas e violoncelos e cabeças talhadas à mão, o silêncio é interrompido pelo

som de uma plaina. Tudo começa num pedaço bruto de ácer. E, algures no processo, “a madeira ganha voz”.

Talvez seja isso que Nuno Chagas faz todos os dias: “dar corpo ao invisível”. E lembrar-nos de que, mesmo num mundo apressado, ainda há quem trabalhe ao ritmo paciente da arte.

“É um instrumento comparável à voz humana. Quando é dominado, é de uma beleza extrema.”





PORTO BRANDÃO

TEXTO **Tiago Queirós** FOTOGRAFIA **Anabela Luís**

Com cerca de 34 anos de história, o Restaurante Porto Brandão é hoje uma referência gastronómica. O restaurante nasceu pelas mãos do pai de Tiago Costa e mantém-se como um verdadeiro negócio familiar: a mãe continua a ser a cozinheira-chefe e garante a continuidade dos sabores que conquistaram clientes vindos de ambas as margens do Tejo.

Nascido e criado ali mesmo em Porto Brandão, Tiago Costa vê o restaurante como muito mais do que um negócio. “É algo pessoal”, afirma, orgulhando-se da equipa de sete trabalhadores que o acompanha. A casa tornou-se particularmente conhecida pelas suas carvoadas, que o proprietário afirma serem “as número um do mundo”. O prato, que identifica como típico da localidade, apresenta mais de uma centena de opções, do javali e do veado ao bisonho americano, passando pela zebra, búfalo ou lagosta. A carta inclui ainda especialidades como cataplana e arroz de marisco.

Grande parte da clientela atravessa o rio para chegar a Porto Brandão. Muitos vêm de Lisboa, Oeiras ou Cascais. Famílias e grupos são presença habitual neste espaço com vista privilegiada sobre o Tejo. As intempéries recentes afetaram diretamente a comunidade. Na Azinhaga do Formozinhos, várias casas pertencentes

a familiares do empresário tiveram de ser evacuadas. O restaurante esteve fechado três semanas devido a uma inundação. Reaberto entretanto, volta a encher aos fins de semana, embora durante a semana ainda haja quem pense que permanece encerrado. Apesar das dificuldades, Tiago Costa mantém a aposta na terra onde nasceu.

Restaurante Porto Brandão

R. Bento de Jesus Caraça 25, Porto Brandão, 2825-109 Caparica

Telefone: 21 295 9145

Instagram: porto_brandao_rest



MARÉ VIVA

TEXTO **Tiago Queirós** FOTOGRAFIA **Anabela Luís**



Entrar no Restaurante Maré Viva é como entrar numa grande sala de jantar familiar num dia de casa cheia. A decoração clássica e acolhedora transmite conforto imediato e as paredes estão preenchidas com fotografias de clientes ilustres que por ali passaram, do atual primeiro-ministro Luís Montenegro ao futebolista João Félix.

António Castela, proprietário, recorda também visitas de figuras marcantes como Raúl Solnado e Simone de Oliveira. O restaurante abriu a 19 de março de 1986, Dia do Pai, e desde então mantém um feito raro: nunca fechou para férias, encerrando apenas à terça-feira.

O início ficou marcado por um episódio inesperado. Dias antes da abertura, o espaço foi vandalizado, numa tentativa de intimidação que acabou por reforçar a determinação do proprietário. Foi ali que nasceu o fondue de marisco, de lagosta e gambas, um sucesso imediato numa época em que muitos clientes chegavam da noite lisboeta, alguns conhecidos de António Castela dos tem-

pos em que trabalhou na discoteca Banana Power.

Em 1988 surgiram as carvoadas, inspiradas em fogareiros de bronze vistos na Feira de Santiago, em Setúbal. O conceito rapidamente conquistou os clientes e continua a ser uma das marcas da casa.

Tal como acontece no restaurante vizinho, grande parte da clientela vem de Lisboa e arredores, muitas vezes atravessando o Tejo de *ferry*. Alguns frequentadores acompanham a casa desde o início e hoje regressam com filhos e netos. Apesar de não ter sido diretamente afetado pelas derrocadas recentes, António Castela acredita que as obras e melhorias nos acessos a Porto Brandão poderão valorizar ainda mais esta frente ribeirinha. Afinal, como diz, depois da tempestade vem sempre a bonança.

Restaurante Maré Viva

R. Cap. Ribeiro da Cruz 1-3, 2825-109 Caparica

Telefone: 21 295 1134

Reservas: restaurantemareviva.com



JOÃO FARMINHÃO

EM BUSCA DA LINÁRIA PERDIDA

João Farminhão, biólogo e investigador da Universidade de Coimbra, não esconde o entusiasmo quando fala da *Linaria almadensis*. Há cerca de um ano, descobriu esta planta única no mundo, que cresce apenas no Gargalo do Tejo. Agora, a vontade é fazer desta flor um símbolo de Almada.

TEXTO **Joana Mendes**

FOTOGRAFIA **Anabela Luís**





Numa manhã soalheira de março, passado quase um ano da descoberta inicial, João Farminhão reconstituiu o caminho que percorreu para chegar à *Linaria almadensis* em plena arriba, junto ao Cristo Rei.

Mas não se pense que esta descoberta surgiu por acaso. O primeiro contacto que João teve com a existência de uma linária misteriosa em Almada foi em 2022, num herbário do Instituto Superior de Agronomia. “Encontrei uma colheita do professor Pedro Arsénio, que apanhou, em 2019, em Porto Brandão, uma linária que lhe pareceu estranhíssima, mas era exemplar único. Aquilo ficou no subconsciente”, conta o biólogo. Desde então, João Farminhão especializou-se no estudo do grupo das linárias, que têm na Península Ibérica o seu centro de diversidade.

A próxima pista surgiu numa conversa na Sociedade de Pesquisa Botânica. “Uma colega tinha feito trabalho de campo aqui, nos arredores do Cristo Rei, e tinha encontrado uma linária estranha, que identifiquei com um

nome provisório, e foi nesse momento que eu liguei os pontos. Será que a linária do Cristo Rei é a misteriosa linária de Porto Brandão?”

João Farminhão planeou logo a primeira saída de campo, revendo todos os materiais de linária depositados em vários herbários portugueses. Encontrou seis outras colheitas desta potencial espécie nova, entre 1843 e 2019. A primeira pessoa a colhê-la foi o austro-húngaro Friedrich Welwitsch, uma superestrela da história botânica, que a encontrou em Porto Brandão.

Assim, a 31 de março do ano passado, João Farminhão começou a busca nesta localidade almadense, onde nada encontrou. “Foi bastante dececionante, mas não dei o dia por terminado. Fui até ao Portinho da Costa, mas após muitas buscas também não encontrei nada.” O biólogo decidiu deixar a prospeção nas arribas do Cristo Rei para o fim. “De acordo com a descrição que tinha, era o sítio mais fácil para encontrar esta planta.” Desceu a azinhaga, junto ao Santuário de Cristo Rei, e

começou a ver um clarão amarelo pálido. “Estava eufórico porque não é todos os dias que uma pessoa descobre uma espécie nova para a ciência, sobretudo aos pés do Cristo Rei, ao lado da Ponte 25 de Abril. É um pouco delirante, não é?”

Para continuar o trabalho da descoberta, faltava ao biólogo colher material de referência para depositar numa instituição pública, num herbário. Surgiu, assim, um problema logístico. “As plantas estão penduradas na arriba, a alguns metros acima do nosso alcance. Devo dizer que não sou particularmente afoito nestas coisas, portanto, comecei a pensar como é que ia lá chegar. Tive de convocar o meu ajudante de campo de sempre,

o meu avô, que no dia seguinte veio comigo.” João Farminhão regressou ao local, já no dia 1 de abril, na companhia do avô Fernando, com 87 anos. “O meu avô, que é uma pessoa bastante desvencilhada, ajudou-me a chegar à linária, cavando uns pequenos degraus com uma enxada e cortando a barreira de silvas com uma tesoura de poda e lá consegui chegar à planta”.

Este foi um dia histórico para a carreira de João enquanto biólogo, que acabou por ser, também, um evento na história da exploração botânica da área metropolitana de Lisboa. “É uma espécie mesmo única, que só existe aqui, não existe em mais lado nenhum.”

Esta é uma espécie que cresce exclusivamente nas arribas do Gargalo do Tejo, encontrando-se ameaçada. Se, no ano passado, João Farminhão encontrou no local 27 núcleos da *Linaria almadensis*, este ano contou apenas 14, muito por causa das intempéries que assolaram o país, em janeiro e fevereiro, provocando aluimentos de terras em vários locais.

Para salvar a planta, o biólogo aconselha não mexer nos locais onde ocorre. “Não devemos artificializar os taludes e as espécies invasoras devem ser controladas. Outra coisa muito importante, como seguro de vida, é colher sementes e manter a planta em jardins botânicos. Além disso, devemos dar a conhecer esta espécie tão extraordinária, que é a planta mais almadense à face da Terra. É uma planta mesmo muito bonita.”

Esta é a 198.^a espécie de linária descrita pela ciência, sendo caracterizada por um amarelo pálido e um amarelo mais escuro. “Já as folhas têm uma forma única no género linária. Portanto, pela cor da corola e pela forma da folha, conseguimos identificá-la.”

O nome científico foi escolhido pelo próprio João. “Um dos grandes privilégios de um taxonomista, uma pessoa que estuda a classificação das plantas, é poder escolher o nome.” O biólogo optou por associar a planta ao local onde ocorre, o concelho de Almada.

Depois da colheita da planta, houve todo um trabalho de descrição da espécie, estando o exemplar colhido nas arribas do Cristo Rei no herbário da Universidade de Coimbra, onde trabalha. Em outubro de 2025, publicou um artigo de referência sobre esta linária na revista científica *Botany Letters*.

João Farminhão tem agora vontade de dar a conhecer ao mundo esta pequena planta, que passou por múltiplas crises de identidade, foi identificada sob cinco nomes diferentes, até ter sido reconhecida oficialmente, em janeiro deste ano, como *Linaria almadensis*. A planta que cresce unicamente em Almada.



festival^{dos} capuchos

FILIPE
PINTO-RIBEIRO
DIRECTOR
ARTÍSTICO

ALMADA
PORTUGAL
2026

CONCERTOS
ÓPERA PARA CRIANÇAS
CONVERSAS LITERÁRIAS
CAMINHADA
MASTERCLASSES
... E MUITO MAIS!



23 MAIO A 24 JUNHO
festivalcapuchos.com

PARCERIAS
INSTITUCIONAL



MECENAS



PARCERIAS



PARCERIAS
MÉDIA



ORGANIZAÇÃO

